



A verdadeira história da mulher que
roubou a vida de um filho

Mãe de mentira

POR DIRLEY FERNANDES

NO DIA 21 DE JANEIRO de 1986, no quarto 10 do Hospital Santa Lúcia, em Brasília, o funcionário público Jayro Tapajós segura a mão da mulher, que na noite anterior deu à luz seu primeiro filho homem. Casados há 11 anos, ele e Maria Auxiliadora Braule, conhecida como Lia, têm duas meninas - Claudia, 8 anos, e Cristina, 4. Quando veio a nova gravidez, depois de dois abortos espontâneos, e a confirmação do sexo do bebê, a alegria tomou conta do casal de funcionários públicos. A mãe escolheu para o filho o nome do santo de sua devoção: Pedro.

Pouco tempo depois, o advogado Ezízio Barbosa chegou esbaforido ao gabinete do delegado Hertz e apresentou uma nova versão para a história de sua cliente, Vilma Martins Costa. Disse que o garoto tinha sido entregue ao pai adotivo por uma garri, no aeroporto de Brasília. “O casal preferiu registrar o recém-nascido como filho legítimo para evitar a burocracia.”

Hertz sorriu como quem ouvia uma confissão. Mas logo retomou o ar sério, pois sabia que ainda não tinha provas contra Vilma.

JAYRO ANDAVA de um lado para o outro em sua casa, no Lago Norte. Lia perguntou-se se aquela inquietação não teria algo a ver com o filho desaparecido, mas teve medo de tocar no assunto. Quando o marido disse ter sonhado com o filho, que era agora um rapaz alto e bonito, Lia afinal perguntou:

- Por que você está tão estranho? Tem alguma relação com Pedrinho?

- Não. São problemas no trabalho - ele desconversou.

Pouco depois das 9 horas, o telefone tocou e Jayro atendeu. Era Hertz Andrade. O delegado contou que, no dia seguinte, uma equipe da Delegacia de Homicídios ia a Goiânia tentar, mais uma vez, fazer com que Pedrinho se submetesse ao DNA. “A imprensa já está sabendo”, avisou.

Jayro tinha motivos para ter medo de que a mulher se desapontasse

mais uma vez. Depois do seqüestro de Pedrinho, ela levava um mês para ter alta do hospital. Nos anos seguintes, a depressão a assombrara constantemente. Quando estava bem, a funcionária pública era incansável na busca por informações sobre o filho seqüestrado, mas as decepções se repetiam. A família chegou a sofrer extorsão de um aproveitador que dizia estar com Pedrinho e exigia dinheiro, ameaçando enviar pedaços do corpo do menino. Houve também o caso de um suicida que deixou uma carta contando em detalhes como sua mulher tinha roubado o bebê da maternidade. Dezenas de videntes viram Pedrinho em bacias d’água, borras de café, búzios, etc.

Rabiscando num bloco de papel, Jayro falou à mulher sobre o garoto que poderia ser Pedrinho. “A polícia está tentando convencê-lo a fazer o exame”, disse. “Fique calma. Mesmo que não seja ele, a gente vai continuar procurando.”

Lia escutou em silêncio.

Na quinta-feira, Jayro assinou um documento se comprometendo a não processar a mãe adotiva de Pedrinho. E o garoto cedeu material para o exame.

Naquela noite Jayro mal conseguiu dormir. Acordou e virou-se para o relógio na mesa-de-cabeceira: 5h45. Ficou olhando o teto. Às seis em ponto, o telefone tocou.

- É seu filho! A busca acabou!

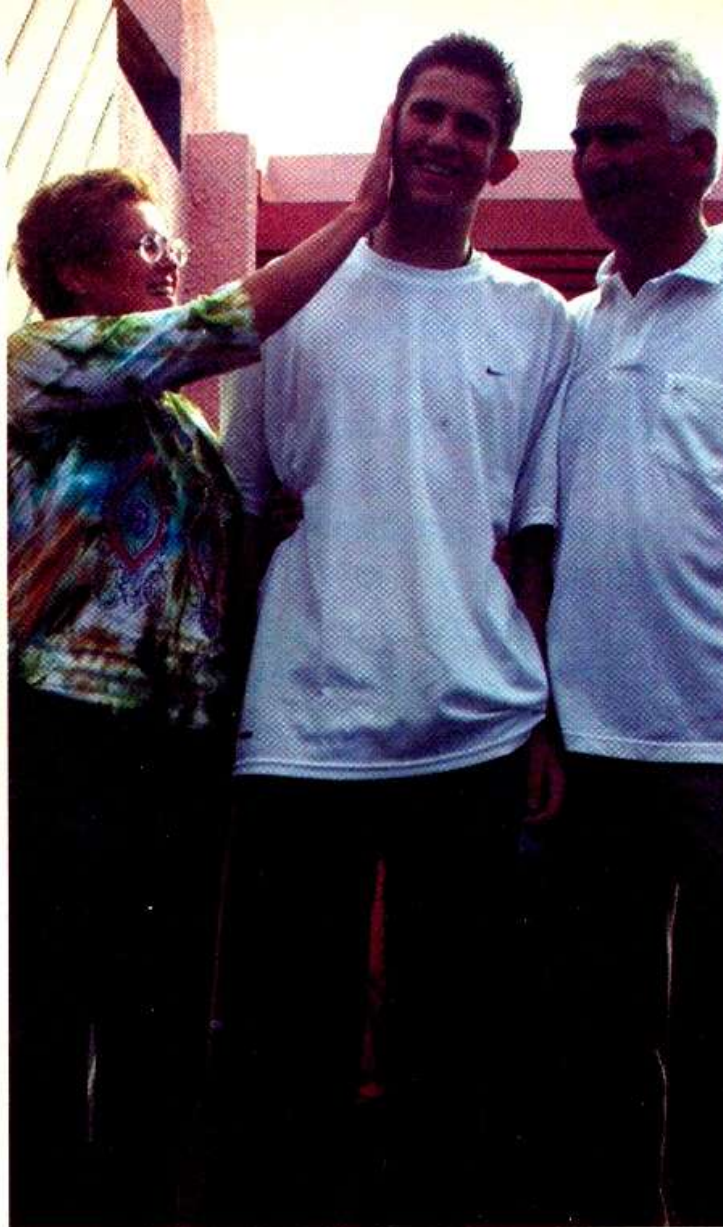
Jayro pulou na cama, acordando a mulher.

- Acabou! Acabou! - repetiu.

AINDA EM CASA, Hertz também recebeu a notícia e se encarregou de marcar um encontro entre os pais biológicos e a família adotiva de Pedrinho para dali a dois dias. Dessa vez, ele estaria presente. Queria ver de perto Vilma Martins Costa, sobre quem já levantara uma vasta quantidade de informações.

Cheques sem fundos e falsificações de assinatura foram algumas das ilegalidades menos graves cometidas pela goiana de Itaberaí. Filha ilegítima de um fazendeiro, Vilma saiu de casa aos 13 anos para se livrar das surras da mãe. Morou em várias cidades antes de se fixar em Brasília. Aos 22 anos, casou-se com o dono de um bar, Carlos Soares, com quem teve três filhas: Carla Beatriz, Patrícia Elaine e Christianne Michelle. O casal se separou em meados da década de 70. Entre outras atividades que exerceu depois da separação, a comerciante foi proprietária do Sobradão, um prostíbulo que marcou época na Goiânia do fim dos anos 70. Em 1986, mesmo ano do seqüestro de Pedrinho, Vilma foi acusada de tentar matar a tia de um rapaz que levou uma de suas filhas a um motel. O caso acabou arquivado, assim como duas acusações de estelionato, entre outros registros policiais.

NA NOITE DO SÁBADO, 9 de novembro, Jayro e Lia estavam em casa, assistindo ao noticiário da TV, quando o rosto da comerciante surgiu na tela. Ela dizia que Pedrinho tinha sido “um presente de Deus”. Lia agarrou



Lia, Pedrinho e Jayro tentam superar os longos anos de separação.

o braço do marido, a imagem daquela manhã no hospital voltando com nitidez à sua mente: “É ela!”

Na manhã seguinte, o casal embarcou no microônibus da polícia que os levaria ao encontro de Pedrinho. Hertz os aguardava no veículo.

Por volta do meio-dia, o ônibus parou diante da casa de Ezízio Barbosa. Amparada por Jayro, Lia caminhou em direção ao filho, que, constrangido, deu-lhe um abraço. Ela sabia que agora não podia esperar mais do que isso e se perguntou se algum dia ele a reconheceria como mãe.

Pouco depois, quando ela e Vilma se viram a sós, Vilma disse, em tom baixo, mas firme: “Você sabe que não fui eu que peguei o menino.”

Seu tom soava como uma ameaça.

CONVENCIDO da culpa de Vilma, mas ainda sem provas, Hertz mandou chamar na segunda-feira uma testemunha para um novo depoimento. A bancária Maria Eugênia Abreu acompanhava a irmã, que também fora dar à luz no Hospital Santa Lúcia, no dia em que Pedrinho desapareceu, e vira a mulher que saíra do quarto de Lia com uma bolsa. Nos anos seguintes, fora convocada para dezenas de reconhecimento. Agora afirmava que Vilma era muito parecida com aquela mulher. Hertz informou ao delegado Julião que voltaria a Goiânia no dia seguinte. “Quero conversar com Vilma. Acho que ela vai confessar.”

Na terça-feira, os dois delegados saíram de Brasília quando o sol ainda despontava no horizonte do Planalto Central. Antes das 9 horas, estavam numa praça de Goiânia esperando Ezízio Barbosa, que chegou mais ofegante do que nunca. Os policiais entraram no carro do advogado e, depois de rodar por mais de uma hora – para, segundo Ezízio, “despistar a imprensa” –, chegaram a uma casa na periferia de Goiânia. Hertz não conseguia esconder a irritação com a cena montada pelo advogado.

Vilma se encontrava na sala, de óculos escuros e cabeça baixa, no que pareceu ao delegado uma estudada pose de vítima. Todos se sentaram e

o delegado Julião começou fazendo o papel do policial bonzinho. Afirmou que o crime de subtração de menores já estava prescrito e, portanto, ela não corria o risco de ser presa. “Eu sou inocente”, insistia Vilma.

Então o delegado Hertz entrou em cena, no papel do policial durão. Abriu a pasta de forma rude e foi mostrando as informações que tinha reunido. Vilma manteve-se impassível até o delegado revelar que Maria Eugênia a havia reconhecido.

– Está bem. Se vocês querem, vou dizer que fui eu. Mas, primeiro, quero falar com minhas filhas – disse com um suspiro.

OS POLICIAIS comemoraram. Cedo demais. As duas horas que ela pediu para conversar com as filhas passaram e ela não retornou. Nesse ínterim, Hertz recebeu uma ligação da polícia brasiliense. Sinfrônio, irmão de Vilma, estava disposto a contar como Pedrinho fora seqüestrado. Hertz e Julião tomaram o depoimento de Sinfrônio naquela noite. No exíguo e mal iluminado escritório do sindicato em que trabalhava como vigia, Sinfrônio relatou o que se passara naquela manhã de 21 de janeiro. Por volta da meia-noite, o trabalho estava completo. Hertz tinha a forma como o crime acontecera e sua autora: Vilma Martins Costa.

DEZESSEIS ANOS antes, na manhã de 21 de janeiro, a comerciante Vilma Martins Costa, 31 anos, chegava à sua

marcenaria, em Goiânia. Depois de alguns telefonemas, chamou o irmão, Sinfrônio Martins, que trabalhava para ela como motorista, e pediu que a levasse a Brasília. A viagem durou pouco mais de duas horas. Vilma pediu ao irmão que parasse o carro num estacionamento e saiu sem dizer aonde ia. Já eram quase 11 horas e, no sol abrasador, uma fina poeira pairava no ar seco da capital. Mas, por recomendação expressa da irmã, Sinfrônio esperou por ela ao volante do carro.

Pouco depois do meio-dia, Vilma chegou com uma sacola na mão e pediu ao irmão que desse a partida rápido. Quando já deixavam a cidade, revelou o conteúdo da sacola, mas se recusou a dar explicações. Cortando com rispidez o irmão, que se queixava por ter sido envolvido no seqüestro, mandou que seguisse para uma casa que havia alugado.

O seqüestro de Pedrinho foi planejado para forçar o fiscal de rendas Oswaldo Borges a se separar da mulher e ir morar com ela, acreditando que o bebê era seu filho.

MAIS TARDE, ficou provado que a quarta filha de Vilma, Roberta Jamilly, 23 anos, também foi roubada numa maternidade. Segundo a polícia, Vilma usava os filhos roubados para pressionar os amantes. Roberta foi usada para chantagear o empre-

sário Jamal Rassi, que era casado, mas mantinha, à época, um relacionamento com a comerciante. A família de Vilma foi sustentada pelo empresário durante anos, afirma a polícia goiana. A paternidade das três outras filhas de Vilma é questionada em Goiânia, mas as moças relutam em se submeter ao exame de DNA.

HERTZ ANDRADE, finalmente, fechou o pesado inquérito do caso Pedrinho e o remeteu à Justiça. Depois disso, achou que já estava cumprida sua missão como investigador. Hoje dedica-se a formar novos homens da lei, na Academia de Polícia de Brasília. A prisão de Vilma Martins foi decretada no fim de abril do ano passado. Depois de 15 dias driblando a polícia, ela foi presa na periferia de Goiânia, no dia 12 de maio, e levada para a Casa de Prisão Provisória, onde cumpre pena de oito anos e oito meses por falsificação de documentos, estelionato, registro de filho alheio e subtração de menor.

Pedrinho se mudou para a casa dos pais biológicos, em Brasília, em julho de 2003. Ele está cursando direito numa faculdade da capital. Em março deste ano, foi autorizado pela Justiça do Distrito Federal a usar o nome dado por sua família: Pedro Júnior Rosalino Braule Pinto.

VALE A PENA?

Quem casa por dinheiro tem de dar duro por cada centavo.

DR. PHIL MCGRAW em The Oprah Winfrey Show